

RESENHA

RAIMUNDO, Sidnei. Estudios de las Relaciones entre Sociedad y Naturaleza, y su Aplicación en Investigaciones Sobre Ocio y Turismo. In: NECHAR, Marcelino Castillo; PANOSSO, Alexandre (Org.). **Epistemología del Turismo**. Cid México: Trillas, 2010. p. 154-173.

Junimar José Américo de Oliveira – UFRRJ – Rio de Janeiro - Brasil
junimar.geoufv@gmail.com

O texto aqui resenhado é parte do livro *Epistemología del Turismo: Estudios Críticos*, de organização dos professores Marcelino Castillo Nechar e Alexandre Panosso, compondo o décimo capítulo sob o título “Estudios de las relaciones entre la sociedad y la naturaleza, y su aplicación en investigaciones sobre ocio y turismo” onde discorre sobre os principais enfoques dos estudos sobre assuntos ambientais que discutem os problemas gerados pela sociedade na natureza, onde buscam entender o funcionamento da natureza e seu significado sociocultural sob o viés do planejamento e gestão das atividade de lazer e turismo.

Seu texto se inicia com uma reflexão da história ocidental da relação entre sociedade e natureza, onde o autor sinaliza três períodos. O primeiro retrata a transição do Feudalismo para a Idade Moderna, onde os espaços construídos eram entendidos como sagrados e os espaços naturais como profanos. Porém, essas visões passaram por mudanças com a melhorias nos meios de transportes, o avanço da ciência e da navegação, a ascensão da jardinagem e paisagismo a partir da colonização da América e a contribuição das artes e da literatura, onde as representações de paisagens menos humanizadas deram a natureza a possibilidade de ser entendida como passível de contemplação, sensação de liberdade e retorno ao campo.

O segundo período se refere a Revolução Industrial e o surgimento do Capitalismo, onde a natureza é vista como fonte inesgotável de recursos naturais, sendo entendida como mercadoria e em caso de escassez, seria substituída por outra fonte, mão-de-obra ou tecnologia. Neste sentido, o capitalismo foi responsável pelas mudanças no modelo de comportamento e compreensão da natureza, onde ideais românticos e iluministas da Idade

Moderna foram apropriados pelo capitalismo, fazendo com que o cidadão fosse visto como contribuinte e consumidor e nesse contexto tem-se a origem da crise ambiental atual.

O terceiro período tem sua marca nos anos de 1950 e 1960, tendo como plano de fundo o lançamento do livro *Primavera Silenciosa* (1962) de Rachel Carson que denuncia o uso de pesticidas na produção de alimentos. Estas décadas marcam o nascimento dos primeiros movimentos ambientalistas, propondo mudanças no uso dos recursos naturais e criticando o uso de armas químicas na Guerra do Vietnã. O movimento contou com a participação de cientistas naturais, jornalistas, ambientalistas e alcança as discussões do meio científico, o que contribuiu para importantes Convenções das Nações Unidas que trataram das questões ambientais como a de Estocolmo (1972) e a do Rio de Janeiro (1992), esta última trazendo a discussão de desenvolvimento sustentável.

Visto isto, Raimundo ressalta o papel do lazer e do turismo, onde coloca que essas atividades sempre estiveram presentes na sociedade ocidental, associadas ao tempo livre. No século XX, essas atividades se transformaram em práticas socioculturais presentes nos três períodos anteriormente citados e promovendo mudanças na compreensão da sociedade sobre a natureza. Na transição entre Feudalismo para a Idade Moderna, o gosto pela natureza foi resgatado pelas viagens exploratórias/colonizadoras onde a exuberância e o exotismo passaram a ser vistos como atrativos, desencadeando grandes fluxos de pessoas das cidades europeias, fazendo do turismo uma rentável atividade econômica. A partir da Revolução Industrial e do surgimento do Capitalismo, o turismo passa a ser um importante transformador do ambiente, onde sua prática se massifica e se torna uma mercadoria que busca a satisfação do turista, visando sempre a máxima rentabilidade, levando uma saturação das interferências, onde os profissionais de turismo tiveram que repensar suas atividades. E por fim, a partir das décadas de 1950 e 1960, vê-se mudanças de atitudes e comportamentos, onde encontros de especialistas ligados a movimentos ambientalistas buscam modelos alternativos de turismo, surgindo a proposta de turismo sustentável.

Na segunda parte do artigo, Sidnei discorre sobre métodos e técnicas de análise para entender a relação entre a sociedade ocidental e a natureza, discutindo, a partir de revisão bibliográfica, aqueles que podem ser aplicados as pesquisas, planejamento e gestão do lazer e turismo. Trata-se de uma análise epistemológica dos últimos 40 anos (tendo como referência o ano da publicação deste texto, 2010) sobre os métodos de análise da natureza construídos pelas diversas áreas do conhecimento, versando sobre as relações dos recursos naturais e as

necessidades de conservação da natureza aplicadas ao planejamento e gestão das atividades de lazer e turismo.

O autor coloca que entre as décadas de 1960 e 1970 houve um aumento significativo dos estudos sobre questões ambientais a partir da observação dos problemas ambientais gerados pela sociedade. Esses estudos foram responsáveis pelo estabelecimento de correntes de pensamento que buscaram o entender o funcionamento da natureza partindo das características socioculturais das sociedades e as relações com o meio.

Raimundo divide essas correntes em dois blocos distintos: I) planejamento físico-territorial, considerando as escalas regionais de planejamento e avaliação de impactos negativos produzidos, e; II) escalas locais, buscando a compreensão das qualidades naturais e socioculturais de uma localidade.

Sobre o primeiro bloco temos a Ecologia Profunda, a Biologia da Conservação, a Análise da paisagem, o Geossistema, a Escola Espacial, a Ecologia da paisagem e a Capacidade de Suporte do Ambiente.

Nesse panorama, surge na década de 1970, na Europa, a corrente de base filosófica conhecida como Ecologia Profunda que pregava pela preservação da natureza independente da contribuição que poderia proporcionar a sociedade. Entre suas propostas estavam a aquisição de terras para criação de parques e áreas protegidas, realização de pesquisas em áreas com pouca interferência humana e de grande biodiversidade, controle da população (ecomalthusianismo) e responsabilização da ciência e tecnologia para o apontamento de problemas e soluções ambientais.

Os pressupostos teóricos da Ecologia Profunda possibilitaram o desenvolvimento, já na década de 1980, da Biologia da Conservação que enfatizava a proteção e preservação da biodiversidade, se apresentando como uma corrente multidisciplinar a fim de se mostrar como uma resposta à crise ambiental, apropriando-se de conhecimentos de diversas áreas. Esta corrente não priorizava os fatores econômicos, mas sim a preservação a longo prazo. Algumas das ferramentas desenvolvidas foram importantes para a análise de impactos de riscos e potencialidades para o lazer e turismo, principalmente as propostas de desenvolvimento de educação ambiental e práticas de recreação como estratégias de conservação.

A Geografia também trouxe sua contribuição, na corrente conhecida como Análise da Paisagem, baseada nos aspectos bio-físico-climáticos a partir da evolução histórica da forma de interpretar a paisagem, se atentando aos aspectos visuais; da paisagem como

unidade da superfície em função de alguma qualidade; e a paisagem como sistema integrado de heterogeneidade vertical e horizontal.

Esta busca por uma visão integrada toma forma na década de 1960 por geógrafos russos e franceses que desenvolvem o chamado Geossistema, onde fazem uma retomada e reinterpretação dos estudos regionais do início do século XX, trazendo a interrelação dos componentes da paisagem formando um conjunto indissociável, incorporando e relacionando características socioculturais e naturais.

Ainda na Geografia, entre 1960 e 1970, surge a Escola Espacial, fortemente influenciada por geógrafos estadunidenses propondo a atenção a distribuição espacial dos fenômenos e não do fenômeno em si. O espaço deveria ser entendido a partir das relações entre objetos, relações estas que envolvem custos (dinheiro, tempo, energia) para vencer a distância. Sendo assim, as atividades de lazer e turismo poderiam contribuir para a avaliação da distribuição e organização geométrica dos fatores ambientais, verificando como acontece o processo de difusão espacial de um determinado fenômeno, seja de conservação ou degradação da natureza.

As correntes até aqui elencadas contribuíram para que em 1980 surgisse nos EUA a Ecologia da Paisagem, relacionando as atividades humanas aos temas ambientais e naturais, entendendo a paisagem como uma combinação heterogênea de ecossistemas estruturados, cuja dinâmica deveria ser compreendida a partir das regras da distribuição dos elementos da paisagem e dos ecossistemas. Aqui, vê-se a contribuição da Geografia, Biologia, Engenharia Florestal, Agronomia e Pedologia, fazendo como que fosse vista como a mais apropriada para estudos dos sistemas ambientais e interações ecológico-econômicas – estudos e relatórios de impactos ambientais (EIA/RIMA).

Já Agronomia, entre 1980 e 1990, surge as discussões sobre a Capacidade de Suporte do Ambiente, que busca definir o tamanho da área adequado que uma comunidade humana gastaria para satisfazer suas necessidades sem gerar degradação ambiental. Para isso, propunham o resgate de práticas agropecuárias tradicionais e de baixa utilização de insumos, tecnologia e capital. Estas ações sobre a capacidade de suporte do ambiente foram adaptadas para as necessidades de controle do impacto das atividades de lazer e turismo no meio ambiente.

No segundo bloco de correntes de pensamento temos, a Ecologia Humana, a Geografia Cultural, a Etnociência e Etnoconservação, que compartilham as discussões sobre

as qualidades socioculturais e os valores relacionados ao imaginário e simbolismo que os elementos da natureza desempenham para as sociedades.

Neste contexto, surge a Ecologia Humana com visão interdisciplinar incorporando discussões da Biologia, Antropologia e Geografia buscando compreender a adaptação do homem ao meio que ocupa.

Ainda nessa linha, surgem os trabalhos da Geografia Cultural, considerando as culturas ao invés das populações, com forte influência da Antropogeografia de Ratzel e do Gênero de Vida de La Blache, procurando entender como o homem se adaptava as condições do meio natural, produzindo trocas de acordo com suas necessidades.

Próxima as discussões da Geografia Cultural, foram construídas, dentro da Antropologia e Etnologia, a Etnociência e Etnoconservação, onde se entendeu a biodiversidade como parte do natural e do cultural com grande valorização da incorporação dos conhecimentos tradicionais e científicos.

Estas correntes possuem grande tendências nas atividades de turismo cultural, rural e ecoturismo, já que há um aumento dos estudos sobre Ecologia Humana, Geografia Cultural e Etnoconservação para planejamento do turismo focados em identificar os processos de adaptação de comunidades tradicionais a partir de seus universos simbólicos afim de entender suas visões de mundo sobre a natureza.

À guisa de conclusão, Sidnei coloca que faz-se necessário o uso de velhos e novos métodos integrando a comunidade na tomada de decisão sobre o turismo, o que demanda a dedicação de profissionais das Ciências Sociais, Naturais e a dedicação do turismólogo como o profissional que se dedica as atividades de lazer e turismo, afim de promover um Turismo Sustentável que implante atividades e equipamentos que sejam ambientalmente corretos e que respeitem os limites dos processos ecológicos e sociais.

Junimar José Américo de Oliveira - Doutorando em Geografia pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Mestre em Geografia pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. Graduado em Licenciatura em Geografia pela Universidade Federal de Viçosa. Foi bolsista do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência - PIBID da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Capes no período de março de 2014 à fevereiro de 2015 e do Programa do Programa Institucional de Bolsas de Cultura e Arte Universitária - PROCULTURA. Atuou como professor de geografia na rede privada de Minas Gerais nos segmentos: Ensino Fundamental II, Ensino Médio, Pré-Coluni, Pré-Pism, Pré-Vestibular e Enem e Preparatórios para Concursos. Atua principalmente nos seguintes temas: ensino de geografia, metodologias de ensino de geografia, educação ambiental, geografia dos riscos, formação de professores. Membro Associado no Grupo de Estudos e Pesquisas em Ensino de Geografia do Instituto Multidisciplinar da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro.

Recebido para publicação em 28 de abril de 2019.

Aceito para publicação em 28 de abril de 2019.

Publicado em 02 de novembro de 2019.